



# A MUTAÇÃO DA ÉTICA

---

Maria Regina Fernandes de  
Lima Cavalcanti

---

Ética é a reflexão sobre os critérios que justificam a escolha de uma conduta considerada boa. A Ética é o espelho de nossas atitudes em todas as coisas que praticamos no nosso dia-a-dia. Desde a mais simples ação até a mais complicada decisão. Podemos ainda dizer que a Ética é a soma dos valores e conhecimentos de um indivíduo. Levando esse conceito para o nosso dia-a-dia, percebemos que o paradigma da Ética usado por nossos antepassados e traduzido como simples atos de educação e correção moral, que deveriam ser preservados por gerações, perdeu-se no meio do caminho. E a pergunta agora é: por quê? Por que "caiu de moda" ceder lugar em um ônibus, em uma sala de espera, ou até mesmo em uma igreja, a pessoas

idosas? Por que a má resposta está agressivamente invadindo o espaço da educação? Por que há tanto movimento de invasão de privacidade quando o respeito ao próximo deveria prevalecer? Por que ser honesto virou sinônimo de ser "bobo"? Somos todos iguais? Somos. Temos todos os mesmos direitos? Temos. Então, se temos todos os mesmos direitos e somos todos iguais, por que não fazemos uma opção ética, ou seja, por que não escolhermos uma conduta considerada boa?

---

*Se temos todos os mesmos direitos e somos todos iguais, por que não fazemos uma opção ética, ou seja, por que não escolhermos uma conduta considerada boa?*

---

Analisando com mais cuidado e estendendo o meu olhar para minha infância, percebo que as pessoas que me rodeavam àquela época tinham condutas mais éticas que as de hoje. Havia um limite subjetivo para suas ações. Delimitava-se através de um olhar de pai ou mãe a correção de sua conduta. A mesa de domingo das casas de família traziam discussões várias sobre a forma de comportamento do vizinho, da escola, da igreja e até mesmo dos nossos condutores políticos e se essa forma era a mais apropriada. Através dessa crítica coletiva, aliada ao procedimento de nossos pais, nós crianças íamos formando conceitos e valores sobre como deveríamos ser "bons". Essa socialização era feita pela célula-base da sociedade, a família.

A liberalização da educação familiar faz com que a família transfira para a escola o aprendizado da vida em sociedade. A escola recebe a incumbência de ensinar os filhos a respeitar as obrigações do tempo e do espaço, as regras que permitem viver em comum e encontrar a relação justa e adequada com os demais. (Ariès, P.; Duby, G. História da vida privada. A família e o indivíduo, v.5)

Com isso, a escola passa a ser melhor do que a família, e passa a ocupar seu lugar. A família é sub-

stituída pela escola, que tem a função de nos ensinar a vida pública. Relegada a segundo plano, a família deixa de ser educativa. Com o advento da televisão, essas reuniões familiares ao redor da boa mesa foram transferidas para a sala de estar, onde se assiste a "programas de entretenimento". As conversas, as risadas, as guloseimas, as repreensões, as ponderações foram substituídas pelas novelas e comerciais em torno dos quais se reúne, agora, a família, deixando que aquele aparelho mecânico dite normas de convivência, tornando-se, assim, tudo o que ali vemos a verdade que deveríamos seguir.

---

***Querendo ou não, a televisão passou a ser membro da família, ditando ordens e procedimentos, sem que houvesse um só questionamento sobre se era correto ou não aquilo a que assistíamos.***

---

Acredito que a partir desses acontecimentos, televisão e escola, conceitos foram perdidos e destruídos. Já não se pode mais questionar. O modelo imposto pela televisão era o que deveria ser seguido. Abrimos aí uma porta para o que chamamos de "invasão de privacidade". Querendo ou não, a televisão passou a ser membro da família, ditando ordens e procedimentos, sem que

houvesse um só questionamento sobre se era correto ou não aquilo a que assistíamos. Chegou-se ao mérito de ter um cômodo só para ela: a sala de televisão, enquanto os filhos se apertavam no quarto.

Com o passar do tempo, a televisão uniu povos através de notícias. O que acontecia em nossos lares era padronizado pela informação da televisão e nos levou a acreditar que só ela era dona da verdade. É oportuno citar aqui Enrique Rojas, dizendo que o telespectador está cativo de tudo e de nada, excitado e indiferente, disseminado numa opção banal que perpassa toda a telinha supersaturada de momentos determinados. Assim, o homem se torna frágil, individualista, incapaz de renunciar a algo e nossos pais, avós, tios e amigos passam a estar fora de moda. É preciso destacar que a família forma, a televisão informa. Com a omissão passiva da família, o homem moderno ficou mais fácil de ser manipulado. Ele é frio, indefeso e vulnerável. Aí estava mudado o paradigma da ética.

---

#### Referências bibliográficas

- ARIÉS, P., DUBY, G. História da vida privada: a família e o indivíduo, v.5.  
ROJAS, Enrique. O homem moderno, 1996.
- 

---

Maria Regina Fernandes de Lima Cavalcanti é  
aluna do Curso de Turismo – Gestão em  
Hotelaria da FACE-FUMEC

---